

# Mística e evangelização

## Mystique and evangelization

Marco Antônio de Moraes Lima<sup>6</sup>

Nas oficinas ocorridas dentro do Seminário de Teologia Pastoral, que aconteceu na PUC Minas, Campus Coração Eucarístico, nosso grupo teve a missão de refletir sobre o tema “Mística e evangelização”. Nada poderia ser mais consolador e atual para cristãos conscientes de seu lugar e missão na vida da Igreja. Começamos por definir os dois substantivos – Mística e Evangelização – que compõem o título de nossa oficina para, depois, colhermos a colaboração dos participantes. A Idéia inicial era de não nos perdermos em opiniões abstratas, mas de pensarmos em algo bem prático para ajudar o cristão de hoje a viver e refletir esses dois elementos fundamentais de sua existência por meio de toda a história da Igreja.

## Mística

Sem querer reproduzir o verbete “mística” encontrado em um dicionário de teologia, mas conscientes de seu grande teor teológicos, começamos por um esforço de compreensão dessa palavra. A palavra mística é de origem grega, *mystikos*, adjetivo derivado do substantivo *mystes*, ou, provavelmente, do verbo *myeo*, todos esses termos com a mesma raiz do substantivo *mysterion*, que está na origem do termo português “mistério”. Por meio desse processo etimológico, os participantes chegaram à conclusão que “mística é a ação de tocar o mistério de Deus”. Essa palavra, usada na linguagem grega pré-cristã para significar o culto das religiões pagãs, entra na linguagem cristã neotestamentária em Mc 4,11: “mistério do reino de Deus”, mas logo seria usada por Paulo em suas epístolas para indicar o evento salvífico em Cristo (1Cor 2,1; 2,7). Assim, concluímos que o místico é aquele que

6. Mestre em Teologia e professor de teologia da FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, em Belo Horizonte, e-mail: marcoantoniosj@faculdadejesuita.edu.br.

experimenta em sua vida o mistério de Deus revelado em Jesus Cristo. Fazer uma experiência mística, portanto, não é apenas acreditar em um conteúdo doutrinal a respeito da presença de Deus em Jesus, mas viver esse conteúdo em toda a sua profundidade e, sobretudo, deixar a luz gerada nessa experiência iluminar os demais.

## Evangelização

Esse termo já é mais familiar aos cristãos: “ação de anunciar uma boa notícia (boa-nova)”. Ora, como concluímos o parágrafo anterior, o verdadeiro místico é aquele que faz uma experiência mística – toca o mistério de Deus – e ilumina os demais com a luz gerada nessa experiência, isso é evangelização. Teriam, pois, os evangelistas anunciado a boa-nova de Jesus Cristo sem antes terem eles mesmos feito tal experiência? De fato, Jesus introduz seus discípulos no mistério do reino de Deus, mas é aqui algo que eles só experimentariam em toda a sua profundidade depois de terem testemunhado todo o mistério pascal de Cristo. Os discípulos de Jesus tocaram o mistério de Deus, porque tocaram o próprio Cristo em sua vida terrena:

O que era desde o princípio, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e nossas mãos tocaram do verbo da vida, porque a vida se manifestou e nós vimos e damos testemunho e vos anunciamos a vida eterna que estava voltada para o Pai e se manifestou a nós, o que vimos e ouvimos nós vo-lo anunciamos também a vós, para que também vós estejais em comunhão conosco. E nossa comunhão é comunhão com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo. (1Jo 1,1-3)

Nessas palavras de João encontramos a melhor definição de mística e de evangelização.

Paulo não foi discípulo de Jesus enquanto o Mestre ainda andava pela Terra, mas nem por isso se considerava menos apóstolo que os demais. De fato, depois daquela experiência mística no caminho de Damasco (At 9,1-19), Paulo se tornou, ao lado de Pedro, o maior dos evangelizadores. Paulo viu e ouviu o Senhor com os olhos e os ouvidos da fé. Se anunciar o Evangelho é anunciar esta boa notícia da vitória do Amor sobre a morte realizada na ressurreição do Senhor, e, para tanto, é necessário antes fazer uma experiência profunda desse evento, não poderíamos esquecer aqui de Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago, as primeiríssimas a receber a notícia do Anjo e a “ver” o Senhor ressuscitado e receber o mandato de anunciar essa boa notícia (Mt 28,1-15; Mc 16,1-8; Lc 24,1-12).

## Os grandes místicos do AT

Vivendo em um país onde a grande maioria é de cultura cristã, era de se esperar que as grandes figuras místicas surgissem da tradição judeu-cristã. Os primeiros personagens evocados foram Abraão e Moisés, nisso surge também dois temas fundamentais na experiência mística: “eleição” e “aliança”. Com Abraão se dá a eleição e a promessa, o que foi possível, porque Abraão, embora sendo ainda politeísta, teve fé no Deus que o elegera e também a sua descendência. Por outro lado, podemos também dizer que Abraão, na sua fé, elegeu a Javé, pois ainda não tinha consciência da unicidade de seu Deus.

Moisés, ao lado de Elias, é a expressão máxima da mística veterotestamentária (cf. Mt 17,1-9; Mc 9,2-9; Lc 9,28-36). As duas maiores e fundamentais experiências místicas de Moisés foram, sem dúvida, o episódio da “sarça ardente” na Montanha de Deus o Horeb (Ex 3,1-4,17) e a entrega da Lei, que se insere nos termos da Aliança. Esta, por sua vez, fora estabelecida entre Javé e Abraão e, depois, renovada com Isaac e Jacó e, agora, com todo o povo que acabara de fazer a experiência do Êxodo, o “lugar” da Páscoa Judaica, evento este que dá fundamento a toda existência de um povo, o Povo de Deus.

Moisés é, portanto, o protótipo do místico e evangelizador, porque ele mesmo experimentou a presença de Deus e anunciou a seu povo a libertação da servidão no Egito. O evangelista Mateus e o apóstolo Paulo não tiveram problemas em ver em Moisés uma prefiguração do Cristo (cf. Mt 2,13-15; 1Cor 10,2). Ainda foram lembradas as figuras dos santos Profetas, que “ouviam” do próprio Deus a mensagem que deveriam anunciar a todo o povo de Israel.

## Jesus, o místico por excelência

Contudo, a mais perfeita imagem de místico e evangelizador se realiza em Jesus de Nazaré, pois ele fala a Deus com a intimidade de Filho. Ele, que existia antes de tudo (Col 1,17), não considerou como uma presa a agarrar o ser igual a Deus e assumiu a sua condição de servo (Fil 2,6-7); conheceu o mistério da vontade do Pai e dela fez seu alimento (Jo 4,31-34). A mística de Jesus consistia, portanto, em realizar a vontade e a obra d’Aquele que O enviou.

De fato, essa intimidade de Jesus com o Pai era constante em sua vida. Jesus falava com Deus, seu Pai, na solidão e em público; não temia

a seu Pai, como era costume na tradição de seu povo, mas o amava com toda a sua alma, de todo o seu coração e com toda a sua força.

Entretanto, Jesus não é apenas o Místico por excelência, ele é também o fundamento da mística cristã, sobretudo por sua morte e ressurreição. De fato, se o místico, por definição, é aquele que está em uma íntima comunhão com Deus, para um cristão, isso não é possível fora de Cristo. Por isso, João nos lembra que é permanecendo unidos a Cristo que nós continuaremos unidos ao Pai, o que ele bem expressa com a imagem da videira verdadeira (Jo 15,1-17). Nisso consiste a essência da vida eterna: que nós conheçamos a Deus e aquele que o Pai enviou (Jo 17,3). “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim” (Jo 14,6), disse Jesus a seus discípulos; e, respondendo a Filipe, o Mestre diz: “Aquele que me viu, viu o Pai... Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim?” (Jo 14,9-10). Essa união com Deus em Cristo é tão fundamental que Paulo faz a identidade do cristão consistir no “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”.

## Mística e evangelização na vida de Jesus de Nazaré

Mística e evangelização andaram sempre juntas na vida de Jesus, acabamos de ver a união que Jesus tinha com Deus, seu Pai, e não somente a seus discípulos mas também a seus opositores, ele afirmou abertamente: “Mas se eu faço as obras de meu Pai, muito embora não acrediteis em mim, crede nas obras e assim conhecereis cada vez melhor que o Pai está em mim como eu estou no Pai” (Jo 10,38). Essa obra que o Pai confiou a seu Filho Jesus Cristo não consiste em uma doutrina, pelo menos não em primeiro lugar, mas sim em um anúncio que, ao fazê-lo, Jesus revela o Pai e a si mesmo. Isso Jesus não fazia apenas com discursos, mas com atitudes coerentes com o seu discurso. Essa coerência nascia da obediência que Jesus tinha a seu Pai, uma obediência até a morte, e morte numa cruz (Fil 2,8).

Essa coerência entre a mística de Jesus e sua missão evangelizadora, porém, era garantida pelo Espírito Santo: “o Espírito do Senhor repousa sobre mim, porque ele me conferiu a unção para anunciar a boa-nova aos pobres. Enviou-me para proclamar aos cativos a libertação e aos cegos a recuperação da vista...” (Lc 4,18 *et seq.*). Essa unção de que fala Jesus é o Espírito Santo que ele recebeu ao sair das águas do Jordão, quando, então, recebe a sua investidura messiânica. Porque estava sempre sob a ação do Espírito do Pai, portanto, em união

com ele, seu ensinamento – sua ação evangelizadora – não era como o ensinamento dos mestres da Lei, mas Jesus ensinava como quem tem autoridade. Essa autoridade, que Jesus recebia de seu Pai, era credenciada pelas obras de misericórdia que ele realizava em favor dos que sofriam e tinham fé.

## Os grandes místicos cristãos

Jesus é, como vimos, o fundamento de toda a mística cristã. Em nenhum momento da história da Igreja faltaram místicos, pessoas que viveram uma profunda união com o Cristo. Maria, sua mãe, foi a primeira e é o protótipo do místico cristão, porque, nela, a visão se fez carne. Nela, portanto, se realiza o chamamento universal à santidade, como bem nos recorda a **Lumen Gentium**.

No séqüito de Maria, podemos citar os santos apóstolos e evangelistas; os mártires da Igreja primitiva que deram a vida por amor a Cristo, unindo, assim, seu sangue ao de Cristo na cruz. Depois da paz constantiniana, não faltaram místicos que sempre lembraram à Igreja que seu caminho não podia desviar-se da cruz de Cristo.

Desses grandes místicos, os nomes mais lembrados foram: Francisco de Assis, Tereza D'Ávila, São João da Cruz, Tereza de Lisieux e os contemporâneos Charles de Foucault, Hélder Câmara e Luciano Mendes de Almeida, além dos tantos mártires da América Sofrida. Homens e mulheres que se uniram a Deus e permaneceram a ele unidos e irradiavam a luz recebida dessa união a todos os que os cercavam. Eis porque a Igreja não hesitou em escolher Tereza de Lisieux, que jamais saíra do Carmelo, como patrona das Missões.

Contudo, de todos esses místicos, os que mais empolgaram aos participantes de nossa oficina foram os dois contemporâneos: Hélder Câmara e Luciano Mendes de Almeida. Homens que todos nós conhecemos e testemunhamos sua união com Deus, uma união que irradiava a luz do Cristo, expressada na bondade para com todos e, de modo especial, para com os mais pobres. Homens de quem nós testemunhamos o amor e a obediência à Igreja.

## O trabalho prático

Em nossa proposta de trabalho prático nasceu a idéia de dar sugestões de imagens e pensamentos para a montagem de um encontro para jovens evangelizadores: catequistas, coordenadores de grupos de

jovens, da pastoral universitária etc. Depois de todo o embasamento teológico que vimos na primeira parte do encontro, percebemos que é impossível ser um autêntico evangelizador sem ser um verdadeiro místico, ainda que essa experiência mística se dê em diferentes graus e, como esse encontro seria para jovens, aconteceu o desejo de uma profunda experiência de oração, fora da qual não há experiência mística possível.

A primeira idéia apresentada foi da ambientação: música suave, ambiente aconchegante com velas e outros elementos que convidassem à oração. Tendo sido pensado o ambiente, propusemos a imagem do fogo, como primeira matéria de contemplação, e fogo da Sarça Ardente, um fogo que não queima nem se apaga. Bela imagem, porque é a partir da experiência mística que Moisés fizera diante da Sarça Ardente, no alto da Montanha de Deus, que todo o processo de libertação de Israel se desencadeasse. Esse processo de libertação culmina com a experiência da Páscoa, evento fundador dos filhos dos hebreus como nação santa, escolhida e resgatada por Deus, com quem ele faz Aliança.

De fato, Moisés não fez a experiência do encontro com o Senhor apenas para ser um modelo de santo a ser cultuado pelos hebreus, mas para ser “a mão” do Senhor, que ouviu o clamor de seu povo sob o jugo da servidão no Egito, desceu até eles, os fez atravessar o Mar Vermelho a pés enxutos e os conduziu a uma terra boa onde jorra leite e mel.

Para os que participassem do “idealizado” encontro, a experiência de Moisés e de seu povo não seria algo que se perdesse no tempo, mas a própria vida cotidiana. Assim, o jovem deveria compreender que a “Montanha de Deus” é o mundo em que ele vive, e a “Sarça Ardente” é o momento atual de sua vida. Enfim, fazer aquela experiência mística que Moisés fizera outrora é fazê-lo no cotidiano de nossas vidas, em outras palavras, é encontrar Deus em todas as coisas, é tomar consciência de sua constante presença na minha vida, é ser, a exemplo de Jesus no Evangelho de Mateus, um novo Moisés na vida de um povo, cujo clamor Deus sempre ouve.

A segunda imagem sugerida foi a do Batismo de Jesus. Jesus, saindo das águas do Jordão, é ungido pelo Pai com o seu Espírito e, tomando consciência de que ele é o Filho bem amado, Ele parte para sua missão messiânico-evangelizadora. Também nós batizados somos adotados e amados de Deus para estarmos com ele e sermos outros cristos evangelizadores.

Uma terceira imagem que, embora não sendo escriturística, não deixa de ser bela e profunda, foi a de uma roda, na qual Cristo seria o

eixo, o mundo seria o aro e nós cristãos seríamos os raios que fazem a ligação entre o eixo e o aro, ou seja, entre o Cristo e o mundo a ser evangelizado. Aqui, a mística apresenta-se como uma verdadeira união a Cristo e uma autêntica presença evangelizadora no mundo.

Outra imagem proposta foi a das “sandálias de Moisés”: “Tira as sandálias dos pés, porque o lugar onde estás é uma terra santa” (Ex 3,5). “Tirar as sandálias” é tomar consciência de que estamos na presença de Deus e despirmo-nos de todas as nossas ideologias para somente acolher a Palavra de Deus. E, agora calçados com a Palavra de Deus, anunciar essa mesma Palavra e não outra aos demais. “Tirar as sandálias”, portanto, seria falar com Deus e, depois, “calçá-las” seria a nossa ação evangelizadora.

Um ponto para meditação sugerido, o que não seria exatamente uma imagem, foi a questão da experiência da “ausência de Deus”, o que muitos místicos experimentaram em suas vidas. O primeiro foi o próprio Cristo na cruz quando exclamou: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?” (Mt 27,46; Sl 22,2). Como interpreta a nota o referente à citação de Mateus na Bíblia da TEB, trata-se de “grito de angústia, não, porém, de desespero, já que ele se dirige a Deus citando as Escrituras. A quem atenua o realismo dessa expressão, observando que este mesmo Sl 22 termina com uma prece confiante”. De fato, poucos minutos depois, Jesus, no momento de sua morte, entrega seu espírito nas mãos de seu Pai, em quem jamais perdera a confiança.

Nessa mesma perspectiva, dois nomes muito famosos são o de São João da Cruz e de Santa Tereza de Lisieux, que também viveram a sua “noite escura”, mas, a exemplo de Jesus, sem jamais perderem a esperança e a confiança em Deus. Assim sendo, podemos concluir que fazer a experiência da ausência de Deus não significa outra coisa que aceitar a dureza do sofrimento humano, mas sem arrefecer-se na fé, na esperança e, sobretudo, na caridade.

## Os questionamentos

O cristão de hoje é alguém que não recebe certas afirmações sem questioná-las, não obriga a sua razão a receber informações “sacralizadas” sem o direito de com elas antes dialogar. Com o surgimento das ciências psicológicas, hoje temos muitos elementos que nos ajudam a discernir melhor a autenticidade de uma experiência mística. Para além disso, podemos ainda nos perguntar se a nossa liturgia, como vem sendo realizada, e a nossa teologia, esta muitas vezes demasiada-

mente racionalista, nos ajudam a fazer uma experiência mística, nos faz arder o coração, quando as ouvimos, como outrora a palavra do Mestre ressuscitado fizera arder o coração dos discípulos que caminhavam desolados para Emaús.

O que de fato falta em nossa liturgia para que ela nos ajude a viver a presença do Senhor, que nos prometeu que onde dois ou mais estivessem reunidos em seu nome ali Ele estaria? Os conteúdos da liturgia – Palavra, gestos, símbolos... – já não nos dizem mais nada? Estaria faltando às comunidades cristãs uma adequada catequese para que suas celebrações litúrgicas convertam-se em uma autêntica experiência mística? O que poderíamos fazer para que nossas celebrações litúrgicas sejam um lugar privilegiado para o encontro com o Cristo e, portanto, com os irmãos? Que rumo tomaremos para que nossa liturgia seja realmente aquilo que aspira o Concílio Vaticano II: “fonte e cume de toda vida cristã?” (**Sacrosanctum Concilium 7**)

Quanto à teologia, perguntamo-nos se ela não está se tornando demasiadamente especulativa esquecendo-se de sua dimensão poético-narrativa. Sem desprezar a necessidade de uma teologia mais sistemática e especulativa para o diálogo conosco mesmos e com o mundo secularizado da cultura e, até mesmo, por respeito ao direito da razão humana, sentimos que, de modo algum, a teologia pode perder sua dimensão espiritual, orante.

Ainda nos questionamos se a nossa teologia, enquanto discurso-anúncio dos conteúdos da nossa fé, não estaria afastando-se de seu parceiro “martírio” que, desde os primórdios do cristianismo, garantiu toda a sua eficácia. Martírio aqui não é entendido como morrer de forma cruenta por causa da fé, pelo menos não em primeiro lugar, mas como aquele testemunho de coerência entre o que pregamos e professamos e o modo de ser Igreja no mundo contemporâneo. Não vemos nenhuma incompatibilidade entre razão e fé, mas nos perguntamos se ainda hoje o melhor argumento sobre os conteúdos da nossa fé para a razão não seria o testemunho.

## Conclusão: ser um místico hoje

Em tempo nenhum foi possível ser um verdadeiro evangelizador sem antes ter vivido uma experiência mística, ou seja, ter tocado o mistério de Deus de modo tão forte que a grandeza descoberta nesse mistério transborda da alma e atinge aos demais. Contudo, essa mística já não é tão-somente um arrebatamento pontual da alma, mas um

---

experimentar a presença do crucificado-ressuscitado-ao-terceiro-dia no cotidiano da vida.

O místico contemporâneo é alguém que fez a experiência da presença de Deus em sua vida e permanece em seu amor. É a profundidade da experiência do amor de Deus que garante a integração de todas as dimensões da vida humana, que leva o místico a olhar para o mundo com aquela mesma compaixão com que Cristo olhou. Ser um místico hoje é viver sob a ação do Espírito Santo e tomar consciência de ser um enviado a anunciar a boa-nova num mundo cuja hostilidade já não é tanto a violência física, mas o indiferentismo religioso. De fato, em tempos de garantia da liberdade religiosa, o grande desafio não é a espada do imperador ou a hostilidade dos povos autóctones, mas sim a secularização da sociedade desigual, hedonista e consumista, na qual o lugar para o Evangelho parece estar desaparecendo.

Diante de tal quadro, o místico-evangelizador pode experimentar certo cansaço, mas a exemplo do profeta Elias, deve ser sustentado pela mística. Isso requer do místico contemporâneo aquele olhar compassivo e cheio de esperança sobre o mundo.